

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

# DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

  
ALMEDINA

 ces

Centro de Estudos Sociais

# Dicionário das Crises e das Alternativas



## **DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS**

AUTOR

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado  
Universidade de Coimbra

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, n<sup>os</sup> 76, 78 e 79  
3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901  
www.almедina.net · editora@almедina.net

DESIGN DE CAPA

FBA

REVISÃO

Victor Ferreira

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Palheira Assafarge, 3001-453 Coimbra

producao@graficadecoimbra.pt

Abril, 2012

DEPÓSITO LEGAL

....

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



GRUPOALMEDINA

---

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado

Universidade de Coimbra

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

ISBN 978-972-40-4820-8

CDU 316

338

Nas sociedades pré-capitalistas, os bens comuns tinham uma importância económica e social clara. A não apropriação privada da terra ou da água repercutia-se numa conceção não individualista da pastorícia, da agricultura ou da pesca. A sacralização capitalista da propriedade privada como matriz de organização da relação entre as pessoas e as coisas, e a transformação de todas as coisas em mercadorias potenciais acarretou uma quase extinção da realidade dos bens comuns em favor da sua apropriação privada. Ora, a essa histórica orientação privatizadora, o neoliberalismo contemporâneo acrescentou uma voragem inédita e instalou-a no campo dos bens e dos serviços essenciais à vida digna de todos, desde a água às florestas, à educação ou à saúde.

O pensamento económico dominante do capitalismo neoliberal insinua que, mantendo-se comuns, estes bens tendem a ser sobreconsumidos e a ver a sua qualidade desgastada. A mercadorização desses bens e a consequente definição de direitos de propriedade sobre eles são tidas por tal pensamento como imperativos para corrigir a tendência para o que é designado como “a tragédia dos bens comuns”. Ora, este modo de pensar arranca de dois pressupostos: o primeiro é a prevalência da conceção antropológica individualista e excludente do *homo oeconomicus*; o segundo é a ausência de regras de uso partilhadas por todos os beneficiários dos bens comuns.

Contrariando o primeiro, a ética do bem comum coloca o centro nas condições conjuntas que favorecem o desenvolvimento integral de todos. Em oposição ao segundo, o regime de património comum da humanidade adota as regras da participação, responsabilidade e justiça intra e intergeracional como pilares da administração dos bens comuns.

*José Manuel Pureza*

## **Biodiversidade**

Entende-se por biodiversidade a totalidade da vida no planeta, nas suas infinitas variações, desde o nível bioquímico às diferentes espécies e organismos. Os seres vivos habitam na crosta terrestre e modificam os ciclos biogeoquímicos, a atmosfera e o clima, criando condições favoráveis à nossa própria existência enquanto espécie. Os organismos estão em permanente relação entre si e com o planeta, através da água, do solo e do ar, estabelecendo trocas contínuas de matéria e energia através de associações simbióticas.

A visão dominante da biodiversidade é centrada na capacidade humana de a conservar a fim de a explorar como recurso para a acumulação de

capital. Alguns dos seus usos são explorados por indústrias farmacêuticas, cosméticas, alimentares, materiais, caça, pesca e turismo, entre outras. Mais recentemente, fala-se de novos mercados de serviços ambientais, tais como os sumidouros de carbono. Esta concepção da biodiversidade conduziu à sua redução drástica através da simplificação dos ecossistemas para fins produtivos e da impermeabilização de solos para construção urbana. Ao mesmo tempo, conduziu ao confinamento da biodiversidade em áreas de conservação, enraizando-se a ideia de que o ser humano não é capaz de coexistir no seu ambiente com outras espécies sem as destruir.

No entanto, existem outras formas de organização social humana e de nos relacionarmos com as espécies a fim de assegurarmos a nossa provisão e qualidade de vida. Há no mundo inúmeras comunidades que conseguem produzir e manter locais de elevada biodiversidade, com base noutras economias políticas, conhecimentos e práticas. Os sistemas de produção mais biodiversos são agroecológicos e multifuncionais, e contam com várias espécies de animais, plantas, cogumelos e microrganismos. Através das suas práticas quotidianas, os seres humanos participam ativamente na reprodução dos ambientes onde vivem e desenvolvem uma convivência com outras espécies com as quais se relacionam e das quais dependem.

*Rita Serra*

## **Biotechnologia**

Nas três últimas décadas, a rápida expansão de conhecimentos e técnicas ao dispor da ciência levou a que esta se tornasse um instrumento para ser utilizado pelo ser humano, ao serviço do ser humano e com aplicação direta no ser humano. Intrinsecamente associada à genética, a clonagem humana ou de órgãos é ainda uma promessa por cumprir. Porém, as técnicas de regeneração celular, a criopreservação de células do cordão umbilical ou a reprodução medicamente assistida são já utilizadas. Os organismos geneticamente modificados (OGM) são outra das aplicações possíveis, numa tentativa de debelar um dos grandes flagelos mundiais: a fome.

Os diferentes usos que a biotecnologia coloca hoje ao dispor do ser humano surgem como uma promessa de mais saúde e melhor qualidade de vida, trazendo uma esperança renovada não só a quem não tem o que comer, mas também a quem padece de doenças, permitindo a sua deteção precoce e identificando potenciais doentes assintomáticos, ou mesmo tornando pos-